

Ensaio: uma reflexão sobre as consequências da modernidade, o movimento do sujeito das massas, a sociedade em rede e a engenharia do caos

Essay: a reflection on the consequences of modernity, the mass subject movement, the network society and chaos engineering

Ensayo: una reflexión sobre las consecuencias de la modernidad, el movimiento de sujetos de masas, la sociedad de redes y la ingeniería del caos

Recebido: 16/08/2020 | Revisado: 23/08/2020 | Aceito: 25/08/2020 | Publicado: 29/08/2020

Vaner José do Prado

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8752-6077>

Universidade Salvador, Brasil

E-mail: vanerdoprado@gmail.com

José Gileá

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7592-920X>

Universidade Salvador, Brasil

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

E-mail: jose.gilea@unifacs.br

Maria José Trindade de Azevedo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2755-4578>

Universidade Salvador, Brasil

E-mail: josiranigabi@gmail.com

Resumo

Este ensaio analisa os vínculos que relacionam os movimentos políticos recentes, vivenciados em várias partes do globo, com os quais veem-se identificados políticos populistas e movimentos intitulados de Direita ou Extrema Direita, que se fortaleceram ao longo dos últimos 20 anos, relacionando-os com as consequências da modernidade e com o surgimento do movimento denominado de “engenharia do caos”. O problema é investigar quais os vínculos desses movimentos, destacados na obra de Da Empoli (2019) - “Os Engenheiros do Caos”, com as consequências da modernidade e o sujeito das massas? E subsidiariamente, como objetivo, encontrar um fio condutor com o qual se possa correlacionar as consequências da modernidade com o movimento da engenharia do caos, os movimentos das massas e a utilização das Fake News como artefato político. A pesquisa tem natureza descritiva partindo

de dados secundários. Como resultado constata-se que o advento da modernidade, incorporou um sujeito das massas (desencaixado e líquido) como categoria de análise, estabelecido em uma sociedade interligada em rede e com um novo momento de participação do sujeito, agora acolhido pelas massas. Esse sentimento, de acolhimento e participação, passou a ser explorado pelo que Da Empoli (2019) denominou de “engenheiros do caos”, tornando-se um agente poderoso capaz de espalhar Fake News e despertar o furor das massas, contra o Estado e as instituições democráticas.

Palavras-chave: Sociedade moderna; Movimentos políticos; Exploração das massas, Engenheiros do caos.

Abstract

This essay analyzes the links that relate to recent political movements, experienced in various parts of the globe, with which populist politicians and movements entitled Right or Extreme Right have been identified, which have strengthened over the past 20 years, relating them with the consequences of modernity and the emergence of the movement called “engineering of chaos”. The defined problem is to investigate what are the links of these movements, highlighted in the work of Da Empoli (2019) - “Os Engenheiros do Caos”, with the consequences of modernity and the subject of the masses? And in the alternative, as a goal, to find a common thread with which the consequences of modernity can be correlated with the chaos engineering movement, the mass movements and the use of Fake News as a political artifact. The research has a descriptive nature based on secondary data. As a result, it appears that the advent of modernity, incorporated a subject of the masses (disengaged and liquid) as a category of analysis, established in a society interconnected in a network and with a new moment of participation of the subject, now welcomed by the masses. This feeling of welcome and participation began to be explored by what Da Empoli (2019) called “engineers of chaos”, becoming a powerful agent capable of spreading Fake News and awakening the furor of the masses, against the State and democratic institutions.

Keywords: Modern society; Political movements; Exploitation of the masses; Chaos Engineers.

Resumen

Este ensayo analiza los vínculos que se relacionan con movimientos políticos recientes, vividos en diversas partes del globo, con los que se han identificado políticos y movimientos populistas titulados Derecha o Extrema Derecha, que se han fortalecido en los últimos 20

años, relacionándolos con las consecuencias de la modernidad y el surgimiento del movimiento denominado “ingeniería del caos”. El problema definido es investigar ¿cuáles son los vínculos de estos movimientos, resaltados en la obra de Da Empoli (2019) - “Os Engenheiros do Caos”, ¿con las consecuencias de la modernidad y el sujeto de las masas? En la alternativa, como meta, encontrar un hilo conductor con el que las consecuencias de la modernidad puedan correlacionarse con el movimiento de ingeniería del caos, los movimientos de masas y el uso de Fake News como artefacto político. La investigación tiene un carácter descriptivo basada en datos secundarios. Como resultado, parece que el advenimiento de la modernidad incorporó un sujeto de las masas (desconectado y líquido) como categoría de análisis, establecido en una sociedad interconectada en una red y con un nuevo momento de participación del sujeto, ahora acogido por las masas. Este sentimiento de acogida y participación comenzó a ser explorado por lo que Da Empoli (2019) denominó “ingenieros del caos”, convirtiéndose en un poderoso agente capaz de difundir Fake News y despertar el furor de las masas, contra el Estado y instituciones democráticas.

Palabras clave: Sociedad moderna; Movimientos políticos; Explotación de las masas; Ingenieros del Caos.

1. Introdução

Este ensaio tem como tema os movimentos políticos recentes vivenciados em várias partes do globo, mais visíveis em países como Hungria, Estados Unidos, Itália e Brasil e no movimento do *Brexit*, no Reino Unido, com os quais se identificam uma onda de políticos populistas e movimentos denominados politicamente como sendo de Direita ou Extrema Direita, que se fortaleceram ao longo dos últimos 20 anos, relacionando-os com os efeitos da modernidade, conforme preconizada ou descrita por alguns pensadores, dentre os quais destacam-se Max Weber (2002, 2008), Norbert Elias (1993), Anthony Giddens (1991, 1997, 2004, 2008), Zigmund Bauman (2000, 2001) e Francisco Santos (1990, 1991). Nesse caso, a modernidade como o vetor para o surgimento do estado liberal moderno e novos ares na arena política.

É correto especular, que esse movimento político que reemergiu recentemente (esse movimento mesmo sendo cíclico, ou seja, não é exclusivo deste espaço-tempo, já ocorreu em outros momento e em outros locais, deve ser tratado com zelo, por conta dos instrumento que utiliza), está centrado principalmente sobre ideias liberais e líderes populistas e se utilizaram de mecanismos semelhantes (comuns) para ascensão ao poder, ou seja, a voz dos sujeitos das

massas, as plataformas da internet e as redes sociais, os algoritmos de acompanhamento, avaliação e controles (criados pela engenharia de dados) e a disseminação de Fake News, que segundo Cambridge (2020) Fake News são histórias falsas que, com a aparência de notícias verdadeiras, são difundidas pela Internet ou por outros meios de comunicação e mídias, constituídas normalmente para influenciar posições políticas, criar factoides ou como piadas.

Levadas a efeito, conforme Cambridge (2020), as fake News podem representar uma forma de manifestação do que se denomina de “imprensa marrom” (*yellow journalism*), pela qual são deliberadamente veiculadas mensagens com conteúdo falsos, sempre com a intenção de obter algum tipo de vantagem, seja financeira (mediante receitas oriundas de anúncios), política ou eleitoral.

Para Da Empoli (2019), a mobilização de *think tanks*, grupos de pesquisa destinados a estudar os malefícios do establishment em geral (classe política), caracteriza um novo movimento no campo da política. O supracitado autor ressalta que:

Para os novos doutores fantásticos da política, o jogo não consiste mais em unir as pessoas em torno de um denominador comum, mas, ao contrário, em inflamar as paixões do maior número possível de grupelhos para, em seguida, adicioná-los, mesmo à revelia. Para conquistar uma maioria, eles não vão convergir para o centro, e sim unir-se aos extremos. Cultivando a cólera de cada um sem se preocupar com a coerência do coletivo, o algoritmo dos engenheiros do caos dilui as antigas barreiras ideológicas e rearticula o conflito político tendo como base uma simples oposição entre “o povo” e “as elites” (Da Empoli, 2019, pp. 13-14).

E cita como exemplo, a convergência para a direita alternativa americana – uma tropa heterogênea de nacionalistas, conspiracionistas, militaristas ou, simplesmente, indivíduos raivosos – todos decididos a impor um ponto de vista diferente sobre as principais questões no centro do debate: a imigração, o livre-comércio, o papel das minorias e os direitos civis, como um bom exemplo dessa observação.

O problema que cabe investigar é quais os vínculos desses movimentos, destacados na obra de Da Empoli (2019), “Os Engenheiros do Caos”, com as consequências da Modernidade? É esse contexto, que este ensaio se propõe a fazer esta reflexão. Subsidiariamente, tem como objetivo encontrar um fio condutor com o qual se possa correlacionar as consequências da modernidade com o movimento da engenharia do caos, os movimentos das massas e a utilização das Fake News como artefato político.

Nessa reflexão, o resgate da ligação entre modernidade e liberalismo, feita por Santos (1991), torna-se um evento importante. Santos (1991, pp. 11-12) desnuda os desejos mais estritos do liberalismo:

a) o liberalismo deseja um Estado mínimo, não por ser um mal necessário, mas, por ser um bem imprescindível que se degenera com o tamanho abusivo. O Estado deveria ser um moço atlético, eficiente e ágil, não uma matrona, avuncular, gorda e morosa; b) há uma relação sistêmica (de *feedback*) entre o Estado sadio e um grau mínimo de espírito de cidadania, de virtude política. O que põe essa relação sistêmica a funcionar é algo misterioso; c) a teoria liberal não se baseia em uma certeza absoluta, mas na escolha da melhor hipótese entre as diversas alternativas (uma ética da responsabilidade); d) quando a massa popular acreditar nos benefícios da ideologia liberal, geradora de riqueza e bem-estar nas sociedades desenvolvidas, os discursos demagógicos serão ineficazes; e) fora da democracia não há salvação e; f) enfim, a reflexão final não é propriamente uma conclusão.

O supracitado autor afirma que o horizonte cultural do liberalismo não é a mediocridade intelectual da “moral burguesa”, mas sim o fio condutor político da modernidade, com aquilo que de melhor o Estado-Nação pode disponibilizar à sociedade. Destarte, a modernidade precisa ser identificada em seus elementos, e os conflitos da modernidade precisam ser revelados em suas origens capilares, ou seja, no próprio processo que a fez emergir, visando melhor compreendê-la.

... só depois de analisados esses conflitos que vieram chegar as nossas praias como ondas nascidas em mar alto, estaremos preparados para uma discussão exaustiva dos fundamentos filosóficos da atitude liberal. Toda atitude é confluência de uma ótica e de uma ética, de um modo de ver, de um modo de raciocinar e de filosofar, interligado com o mundo da ação real. (Santos, 1991, p. 159).

Para Santos (1991), a modernidade, de marca britânica, em seu triunfalismo inicial, trata-se de um processo histórico que engloba 8 (oito) elementos: a) **elementos frios** - ciência; tecnologia; empresamento econômico e crítica epistemológica e; b) **elementos quentes ou dinâmicos** - cidadania universal; dessacralização da cultura; emergência das ciências sociais e consciências dos signos e da comunicação. A ligação da modernidade com o liberalismo, por exemplo, é um movimento moderno, ou seja, é resultante das interligações dos elementos da modernidade. Esse movimento reivindica a efetiva concretização de todos esses elementos, mas especialmente do empresamento econômico, crítica epistemológica e a cidadania universal. Esses não conseguem conviver sem conflitos.

Santos (1991) aponta que alguns elementos dinâmicos ou quentes, seriam determinantes para o processo modernizador, que iriam atingir de formas diferentes as sociedades ocidentais. A incorporação da modernidade seria realizada pelo processo modernizador ocidental. Esses elementos quentes, destacados por ele, estariam na berlinda dessa incorporação modernizadora da modernidade.

Outra visão relevante sobre a modernidade é trazida por Giddens (1991, 2004, 2008), que em uma primeira aproximação, destaca um costume, estilo de vida ou organização social que surgiram na Europa no século XVII e que posteriormente se tornou um fenômeno mundial em sua influência. Isso associa o fenômeno a um tempo e a uma localização geográfica inicial, mas que por enquanto ainda guardava suas características principais em uma caixa preta.

De acordo com Giddens (1991), quando foi sendo descortinada ou aberta essa caixa preta, a modernidade passou a ser vista como um processo de desencaixe para o homem no sentido do desenvolvimento das instituições de uma sociedade moderna, fazendo sucumbir um conjunto de tradições que, até então, regiam a vida em sociedade. Esse desencaixe é configurado pelo deslocamento das relações sociais dos níveis locais de interações, para novas estruturas por meio de dilatações indefinidas de espaço-tempo.

O ensaio está dividido em sete tópicos, incluindo está introdução. O segundo tópico apresenta a metodologia utilizada para a consecução deste ensaio. O terceiro aborda o advento da modernidade, o nascimento do capitalismo moderno e as diversas visões sobre a modernidade e suas consequências. O quarto apresenta uma reflexão sobre o surgimento do sujeito das massas e sua necessidade de vez e voz. O quinto pondera sobre a sociedade em rede, que de certa forma permite a vez e voz do sujeito das massas, e discute sobre o surgimento dos engenheiros do caos e suas ações no campo da política. O sexto apresenta a discussão sobre o tema levantado e no último tópico são realizadas as considerações finais.

2. Metodologia

A pesquisa possui natureza descritiva, conforme Pádua (2016), no sentido de propiciar a partir de dados secundários, a investigação da relação entre os elementos e as consequências da modernidade, a ascensão das massas, a sociedade em rede e os engenheiros do caos. O caminho trilhado para a consecução desta averiguação passou pelos trabalhos de autores como Weber (2002, 2008), Bauman (2000, 2001), Elias (1993), Hardt e Negri (2005), Giddens (1991, 2004, 2008); Giddens, Beck e Lash (1997), Sloterdijk (2016), Castells (2017),

Levitsky e Ziblatt (2018) e Da Empoli (2019).

A primeira etapa desta pesquisa, procurou explorar as relações existentes entre alguns dos elementos trazidos pela modernidade, a princípio para o mundo ocidental, como o processo civilizador, o desencantamento do mundo, o desencaixe do sujeito e a modernidade e política líquida e, conectar as consequências desses elementos, com a quebra de tradições e dissoluções de totens como afirma Bauman (2001).

A segunda etapa procurou conectar essas consequências da modernidade apontada pelos autores, as quais atingiram as sociedades em contextos distintos, com outros dois temas relevantes para a atualidade: a exploração das massas ou o sujeito das massas como categoria de análise Canetti (2009) e Sloterdijk (2016) e a sociedade organizada em rede apresentada por Castells (2017). Nesse encontro, para além desse desencantamento, desencaixe ou liquidez inicial, procurou-se promover um encontro entre esse sujeito consequente da modernidade com o sujeito componente das massas, cuja organização de sua vida moderna está reconhecida nos vínculos com outros sujeito, agora conectados em rede e com poder de comunicação - Castells (2017) - com muitos outros sujeitos, de forma imediata ou instantânea, utilizando as ferramentas de mídia, presentes da sociedade em rede.

Em um terceiro momento, procurou-se aproximar e estabelecer os vínculos desses eventos anteriores (a modernidade, as massas como categorias de análise e a sociedade em rede) com os eventos mais atuais, propiciados pela engenharia de dados. Esta etapa, buscou mostrar o quanto pode estar conectado em rede o sujeito desencantado, desencaixado e líquido, com a engenharia de dados, a qual é capaz de estudar o comportamento do sujeito das massas, acolher seus anseios e utilizar para modificar opiniões e comportamentos. Neste caso, para o que foi denominado de engenharia do caos, ou seja, para atender conta a democracia e instituições estabelecidas, principalmente no campo político - Da Empoli (2019).

Assim, buscou-se traçar um caminho metodológico que permitisse uma melhor compreensão da reflexão inicial, com a intenção de permitir que, a partir desta compreensão, outras construções possam ser feitas.

3. A Modernidade e Suas Consequências

Este ensaio poderia ser iniciado em Maquiavel (1996) quando este traz à tona, contornando habilmente os poderes teológicos, a sua ideia de realismo político. A política como campo a ser racionalizado e planejado. Poderia se trazer a visão liberal de Hobbes (2003) sobre o papel ideal do estado moderno e seus limites ou poderia ainda trazer as ideias

Hegelianas. Porém, optou-se iniciar por Weber (2002, 2008), quando este aborda a gênese do capitalismo moderno, como um instrumento concreto da racionalidade ocidental e consequência da modernidade.

Weber (2002, 2008) retrata a modernidade como um fenômeno ou problema da história universal, na qual um filho da moderna civilização europeia, sempre estaria sujeito à indagação de qual a combinação de fatores a que se pode atribuir o fato de haverem aparecido na civilização ocidental, fenômenos culturais dotados de um desenvolvimento universal em seu valor e significado. Uma de suas preocupações centrais era porque apenas no ocidente, ou melhor, apenas no ocidente moderno, ter-se-ia a vitória daquilo que ele denominou de “racionalismo da dominação do mundo”.

Na visão de Weber (2002), o desempenho civilizatório específico da racionalidade ocidental moderna foi o desencantamento do mundo. Essa questão implica a atualização mais consequente, até aqui, na história do conflito valorativo do homem para com os seus deuses. Uma forma de consciência que, já no início do racionalismo ocidental, encontrava-se ordenada no contexto da concepção de mundo da civilização helênica e que acompanhou a humanidade de forma latente desde que ela começou a criar seus símbolos, sendo na constelação do racionalismo ocidental moderno, definitivamente a descoberta e radicalização.

Com isso, o aparecimento e desenvolvimento da racionalidade ocidental moderna parecem representar para Weber, a ruptura de princípio sob a forma de consciência, ou seja, um desenvolvimento das formas de consciência, correspondendo por sua vez, ao nível das concepções do mundo, a um desenvolvimento também dessas últimas. No lugar dos deuses pessoais, têm-se agora os poderes impessoais baseados na racionalidade, principalmente do Estado-Nação e das organizações capitalistas.

A lucidez de Weber (2002) traduz aquilo que esteve presente na política liberal europeia (que Maquiavel já havia preconizado como sendo o surgimento do realismo político) que se refletiu no surgimento do Estado liberal inglês, ganhou visibilidade no racionalismo industrial e passou a alterar os sistemas valorativos das sociedades ocidentais.

Para Weber (2008), o fim do mundo contemplativo e o aparecimento de um mundo racional instrumental – já sinalizado por Hegel em sua obra “Linhas fundamentais da filosofia do direito” de 1820 – são vistos como uma decorrência da modernidade. Nesse sentido, a modernização seria o processo encarregado de distribuir os elementos dessa modernidade pelas sociedades ocidentais, carregadas de elementos institucionalizadores – racionais e simbólicos. Uma das arquiteturas sociais consequentes foi o fim da escravidão e servidão e o surgimento de novos elementos para a cidadania.

A disciplina militar significava a vitória da democracia, pois com a obrigação e a intenção de recorrer às massas não-cavaleiras, colocava-se em suas mãos as armas e, com elas, o poder político. Além disso, o poder do dinheiro também teve importância, tanto na antiguidade quanto na idade média (Weber, 2008, p. 74).

Assim, Weber (2008) procura demonstrar alguns elementos importantes advindo com a modernidade, que fazem parte deste novo momento histórico: a democracia, o poder militar nas mãos do estado e o poder político como legitimador para a condução do estado moderno e garantia da democracia. Cada estado, individualmente, concorria para atrair capital livre, que lhe prescrevia as condições sob as quais o ajudaria a conseguir hegemonia. Assim, surgia o Estado Nacional, como fruto exclusivo do ocidente.

Para Weber (2008) apresenta-se o Estado racional legal, único contexto no qual o capitalismo moderno pode prosperar, tendo sua base no funcionalismo especializado e no direito racional. Uma política econômica estatal que mereça este nome, somente foi capaz de brotar nesses tempos modernos. Então nascem as políticas econômicas do Estado moderno e consolida-se o desencantamento do mundo ocidental.

Muito embora Weber tenha trazido percursos e leituras diferentes para uma mesma realidade, é possível perceber que os elementos apontados fazem parte de um mesmo conjunto: o sistema capitalista, a industrialização e o Estado-Nação, elementos que irão compor essa modernidade (desbancar a tradição) e provocar a modernização, principalmente institucional, com consequências para a vida em sociedade afetando os aspectos da cidadania. Além de Weber, há outras concepções sobre alguns aspectos da modernidade e de suas consequências.

3.1. Outras Visões Sobre a Modernidade

Para Elias (1993, p. 193), uma pergunta precisava ser respondida: “O que tem a organização da sociedade sob a forma de Estados, o que tem a monopolização e a centralização de impostos e da força física num vasto território, a ver com a civilização”? E destaca que a civilização não é razoável, nem racional, tampouco é irracional, e afirma que ela é colocada em movimento de forma cega:

... e mantida em movimento pela dinâmica autônoma de uma rede de relacionamentos, por mudanças específicas na maneira de como as pessoas se veem obrigadas a conviver. Mas não é absolutamente impossível que possamos extrair dela alguma coisa mais razoável, alguma coisa que funcione melhor em termos de nossas necessidades e

objetivos. Porque é precisamente em combinação com o processo civilizador que a dinâmica cega dos homens, entremisturando-se com seus atos e objetivos, gradualmente leva a um campo de ação mais vasto para a intervenção planejada nas estruturas social e individual – intervenção está baseada em conhecimento cada vez maior da dinâmica não planejada dessas estruturas (Elias, 1993, p. 195).

Nessa perspectiva, Elias (1993) assinala que o processo civilizador levava o indivíduo a regular sua conduta de modo mais diferenciado, uniforme e estável. Esse mecanismo a prevenir as transgressões do comportamento socialmente aceito, por meio de uma barreira de medos profundamente enraizados, mais precisamente porque agia cegamente e por hábito. Com frequência, produzia indiretamente choques com a realidade social. Assim, torna-se compreensível que todo o sistema de aprendizagem de um ser humano esteja ligado ao autocontrole, conduzidos pela razão e consciência. Que a contenção dos instintos animais de uma sociedade, jamais seja um processo indolor, e que sempre deixará cicatrizes.

O processo civilizador do ocidente, cujo espaço-tempo reflete uma profunda divisão de funções, que atingiu um nível elevado dos monopólios da força e da tributação, com tamanha solidez e interdependência, sem precedentes na história. Assim, somente quando as tensões dentro e entre os Estados forem dominadas é que se poderá afirmar a existência real de um processo civilizador (Elias, 1993).

Nesse diapasão, uma sociedade civilizada alcançaria com o tempo uma estabilidade sob o controle do Estado Moderno. A garantia da Lei e da ordem, seria mantida pelo autocontrole dos indivíduos, guiados pela razão e consciência. Essa visão, recai sobre instituições fortes e garantidoras das regras de convivência social, apreendidas ao longo do tempo. Assim, esse conjunto de fundamentos fazem parte de uma tradição que se estabelece no tempo e no espaço.

Na visão de Giddens (1991), a Modernidade como processo de ruptura com a tradição, levou o sujeito a desencaixar-se. Esse desencaixe foi facilitado por dois mecanismos: pela criação de fichas simbólicas e pelo desenvolvimento dos sistemas peritos. As fichas simbólicas como sendo os meios pelos quais os intercâmbios (trocas econômicas e sociais) podem circular sem ter em vista atributos específicos de indivíduos ou grupos, que lidam com eles em qualquer momento conjuntural particular (o dinheiro, por exemplo). Essa criação, em particular, alterou as relações comerciais, afetando o mercado, ampliando as possibilidades de relações de trocas e novas combinações de espaço-tempo. Deslocaram a condição individual para um campo mais amplo de contornos e limites mais estendidos.

Já os sistemas peritos são formados pela competência profissional ou de excelência técnica, que passaram a organizar as grandes áreas dos ambientes social e material, da moderna sociedade ocidental, como por exemplo, a tecnocracia e a especialização. É sob os auspícios desses mecanismos que começaram a serem formadas as primeiras instituições consideradas modernas. A instituição do Estado moderno (Estado-Nação), por exemplo, com seus controles sobre a vida social é um sistema perito.

Essas afirmações podem ser verificadas em Giddens (1991, pp. 31 e 36):

O dinheiro é um exemplo dos mecanismos de desencaixe associados à modernidade; não procurarei detalhar a contribuição substantiva de uma economia monetária desenvolvida ao caráter das instituições modernas. O dinheiro propriamente dito, entretanto, é obviamente uma parte inerente da vida social moderna bem como um tipo específico de ficha simbólica. ... os sistemas peritos são mecanismos de desencaixe, porque, em comum com as fichas simbólicas, eles removem as relações sociais das imediações do contexto.

Uma outra possibilidade para a compreensão dessa realidade trazida por Giddens (1991), está presente também nos argumentos de Giddens, Beck e Lash (1997). Para esses autores, a modernidade representa um processo que significou, primeiro a desincorporação das formas sociais tradicionais e, segundo a reincorporação às formas sociais industriais, contidas ou trazidas pela modernidade. Nesse sentido, Giddens (1991) afirma que os estilos de vida concebidos pela modernidade nos desvincularam dos tipos tradicionais de ordem social, tanto em sua extensionalidade (modos de interface social que passaram a cobrir o globo), quanto na intencionalidade (que alteraram algumas das mais pessoais e íntimas características da existência cotidiana).

Assim como Elias (1993), Giddens (1991) afirma que é esse Estado Nação que precisa ser interpretado como posterior aos estados pré-modernos. É no Estado-Nação que a modernidade vai ganhar seus contornos institucionais. A combinação da produção capitalista com a capacidade de concentrar poder administrativo, militar, social e econômico do Estado-Nação moderno, foram capazes de tornar a expansão ocidental aparentemente inexorável.

Nessa perspectiva, a modernidade, leva por onde avança um caráter universalizante, não apenas em seus impactos globais, mas em termos do conhecimento reflexivo fundamental ao seu caráter dinâmico. Incerta e aberta, a modernidade está inerentemente orientada para o futuro, de modo que este tenha o caráter modelador das sociedades. Ao se disseminar leva consigo suas características fundamentais e seu caráter institucionalizador. Esse olhar sobre a modernidade, a princípio, de autores ingleses, também é objeto de outros pesquisadores.

Giddens, Beck e Lash (1997) alertam para a necessidade da concepção de uma “modernização reflexiva”. Essa reflexão sobre o ocidente precisava ser confrontada por questões que desafiam as premissas fundamentais, do seu próprio sistema social e político. A questão principal é a simbiose histórica entre capitalismo e democracia, que caracterizava o ocidente, e que pode ter sido generalizada em escala global, levando fundamentos tão universais, para espaços tão diferentes. Assim, Giddens, Beck e Lash (1997, p. 12) afirmam que:

... Modernização Reflexiva significa a possibilidade de uma (auto) destruição criativa para toda uma era: aquela da sociedade industrial. O sujeito não é a revolução, não é a crise, mas a vitória da modernização ocidental. ... a modernização reflexiva significa primeiro a desincorporação e, segundo a reincorporação das formas sociais industriais por outra modernidade. ... esse novo estágio, em que o progresso pode se transformar em autodestruição, em que um tipo de modernização destrói outro e o modifica, é o que eu chamo de etapa da modernização reflexiva.

Em resumo, para Giddens, Beck e Lash (1997) a reflexividade rompe as velhas linhas limítrofes existentes entre o trabalho e o não trabalho. Sem a reflexividade seria impossível deter os danos da modernidade e aproveitar os possíveis benefícios desse mesmo processo. Aqui reside a ideia de que a modernidade é um fenômeno capaz de atingir as sociedades em momentos distintos de seus estágios de desenvolvimento e sem reflexividade corre-se o risco de não se criar mecanismos que possa dar contorno e limites à uma transformação desenfreada, que é essencialmente universalizante, mas não é universal, ou seja, não encontra ou atinge o Estado-Nação ou as sociedades, de forma homogênea.

Outro autor relevante para contemplar as consequências da modernidade é Zigmund Bauman. Para Bauman (2000, 2001), a modernidade pode significar muitas coisas e sua chegada e avanços podem ser mensurados utilizando-se vários marcadores diferentes. O autor ao metaforizar a modernidade usa o comparativo entre o mundo sólido (pré-moderno) e o mundo líquido (da modernidade).

Bauman (2000) argumenta que os primeiros sólidos a derreterem e os primeiros sagrados a serem profanados foram às fidelidades tradicionais, os direitos consuetudinários e as obrigações que prendiam mãos e pés, impedindo os movimentos e restringindo as iniciativas. O derretimento dos sólidos lançou um novo olhar sobre o momento da modernidade – a tessitura das escolhas dos indivíduos em ações coletivas e projetos, os protocolos de comunicação e arranjo entre as políticas de vida guiadas de forma individual, de um lado, e do outro as ações políticas de coletivo humanos.

Esta perspectiva, segundo Bauman (2001) passou a ser um atributo da vida moderna e do seu entorno, que se impõe como a diferença que faz a diferença. Essa lógica denomina esse atributo como sendo a relação cambiante entre espaço e tempo. Assim, a modernidade passa a exigir a modernização. A modernização tende a trazer consigo a desintegração social, o declínio das agências efetivas da ação coletiva, recebida muitas vezes com grande apreensão e pranteada como consequência não prevista da nova fluidez e leveza do poder cada vez mais escorregadio, móvel, evasivo e fugidio, para a sociedade.

Bauman (2001) faz um alerta importante ao observar que essa modernidade e seu caráter modernizador irão alcançar as sociedades em momentos distintos de seu *status* social ou estágio de desenvolvimento econômico, social e político e, portanto, exigir a modernização institucional dessas sociedades. Esse aspecto é relevante no sentido dessa exigência, por alterações institucionais e sociais, precisar ser realizada, para receber os ventos e adventos dessa modernidade, que traz consigo, pelo menos no discurso, os aspectos modernizadores.

É nesse sentido que retrata as alterações, que a princípio, precisariam ter sido percebidas como fruto dessa modernidade e de seu caráter modernizador. Onde uma versão particular do “sujeito humano”, definido por Hall (2006, p. 23) como aquele “... com certas capacidades humanas fixas e um sentimento estável de sua própria identidade e lugar na ordem das coisas” vai sendo “descentrado” e se tornando o sujeito desencaixado de Giddens (1991) que procura com suas angústias encontrar um porto seguro, ou seja, alguma instituição que o acolha. A derrocada do Estado pré-moderno para o surgimento do Estado Nação, a ascensão do capitalismo e da industrialização (surgimento de novos contornos e limites do mercado) e as fragilizações da família e da classe, na modernidade líquida de Bauman (2001), tornar-se-iam estranhas a um mundo, antes para ele seguro.

Essa lógica contida na modernidade vai atingir as sociedades (principalmente ocidentais) de maneira distinta, exigindo do Estado Nação, a criação de instituições (fichas simbólicas e sistemas peritos) que possam absorver as consequências da modernidade, sendo capazes de lidar com esse sujeito desencaixado ou com a liquidez desse mundo moderno. Para Bauman (2000), essa lógica modernizante, fruto da modernidade, vai espalhar-se pelo mundo ocidental, a partir da Europa, restando saber como a convivência social, a participação política, o sistema jurídico, as garantias individuais, ou seja, a cidadania estaria sendo afetada.

A ideia central com esse conjunto de leituras sobre a modernidade é que essa condição ou esses fatores, inerentes à modernidade e presente na visão dos autores, passaram a exigir uma nova configuração para a manifestação política da modernidade. O surgimento das

democracias passou a exigir a participação social do sujeito cidadão, como construtor e fruto da democracia ao mesmo tempo.

4. As Massas Como Categoria de Análise

Com o advento da modernidade, tornou-se cristalina a compreensão da participação dos sujeitos de direito, principalmente na arena política, como um elemento vital para o surgimento e a consolidação das democracias, tendo no poder político o seu vetor de participação. O grande desafio é sair da servidão e da escravidão e construir Estados Nacionais democráticos, com ampla participação dos sujeitos e das massas. Como fazer com o sujeito desencaixado de Giddens e/ou as instituições e política líquidas de Bauman, mergulhem com confiança rumo a desconhecida participação política do Estado moderno.

Nesse diapasão, torna-se importante a reflexão de Canetti (2009), que afirma não haver nada mais temido pelo homem, do que o contato com o desconhecido. Em sendo assim, todas as distâncias que a humanidade criou em seu entorno foram determinadas por esse medo do contato.

... somente na massa é possível ao homem libertar-se do temor do contato. Tem-se aí a única situação na qual esse temor transforma-se no seu oposto. E é da massa densa que se precisa para tanto, aquela na qual um corpo comprime-se contra o outro, densa inclusive em sua constituição psíquica, de modo que não atentamos para quem é que nos ‘comprime’. ... Essa inversão do temor do contato é característica da massa. O alívio que nela se propaga — e do qual falaremos ainda, em outro contexto — alcança uma proporção notavelmente alta quando a massa se apresenta em sua densidade máxima (Canetti, 2009, p. 10).

Assim, Para Canetti (2009), o acontecimento mais importante a desenrolar-se no interior da massa é a descarga. Anterior a ele, a massa de fato ainda não existe. É exclusivamente a descarga que efetivamente a estabelece. Trata-se então do momento em que todos que a compõem livram-se de suas diferenças e passam a sentir-se iguais.

Canetti (2009, p. 20) afirma que somente a união de todos é capaz de promover-lhes a libertação do peso da distância. E é exatamente isso o que acontece na Massa. Na descarga, as separações caem, e todos se percebem iguais. Nessa sua aglomeração, onde não há nenhuma distância entre as pessoas, os corpos se aproximam e se comprimem, cada um está tão próximo do outro quanto de si mesmo, e isso provoca um enorme alívio. E resultado desse momento feliz, onde ninguém é melhor que os outros, os homens são transformados em

massa. A massa destrói preferencialmente objetos e edifícios. Como normalmente se trata de coisas frágeis – como vasos, vidraças, espelho –, inclinando a crença de que é precisamente esse caráter frágil dos objetos que impulsiona a Massa à destruição.

Nesse sentido, a destruição de símbolos representando algo é a destruição de um status quo no qual não se reconhece mais. Infringe-se as distâncias estabelecidas universalmente, em vigor em toda parte e visíveis a todos. Canetti (2009, pp. 17-18) ressalta que “A dureza das imagens era a expressão de sua durabilidade; elas existem há muito tempo – pensa-se –, existem desde sempre, eretas e inamovíveis; e era impossível aproximar-se delas munido de um propósito hostil. Agora, foram derrubadas e reduzidas a escombros. Nesse ato consumou-se a descarga.”.

Canetti (2009) procura descrever duas formas de manifestação das massas: a) massa aberta, a qual livremente se entrega a seu ímpeto de expansão. Não precisa ter ideia ou sensação clara de qual tamanho virá a ter, já que os ataques externos à massa só fazem fortalecê-la. Os corpos separados são atraídos mais vigorosamente para a aglomeração. Já os ataques internos, são realmente perigosos. A massa os sente como uma corrupção, como “imoral”, visto ir contra a sua límpida e clara disposição básica e; b) massa lenta, a qual costuma vincular-se a longura de sua meta. Com grande perseverança, as pessoas se movem rumo a uma meta inamovível e, aconteça o que acontecer, permanecem juntas enquanto estão a caminho.

Portanto, as massas como categorias de análise, estava posta. O sujeito das massas estava vivo ou criado. É nesse sentido que Sloterdijk (2016) vai afirmar que foi no século XX, que autores de grande prestígio, incluíram o ingresso das massas na história, como uma das marcas de nossa era. Para esse autor foi Hegel o autor a desdobrar a massa como sujeito. Ela é capaz de afirmar um conteúdo político para aquela coisa que na modernidade pode ser projeto. Delas podem ser derivadas as ideias mestras de nacionalismo ou de socialdemocracia.

Assim, quando a massa é capaz de se tornar sujeito e receber uma vontade passa a ter natureza própria. A emancipação como um dos grandes temas dos tempos modernos, capaz de superar as antigas formas de dominação, tem como matéria natural a multidão humana. Uma multidão moderna ativada e subjetivada. Para Sloterdijk (2016, p. 14) “é na cristalização da massa que ela reconhece o surgimento de um poderoso e suspeito atora na cena política”.

Esse novo sujeito das massas, aqui sem se importar com sua denominação, faz-se uma multidão presente na medida que irão sentir-se acolhidos mesmo que não seja mais expresso na forma física, mas também pela participação em programas de meios de comunicação massiva. A massa, agora relacionada a um programa acabara de se emancipar, em um local

comum para todos. O sujeito das massas passa a ter voz e vez, ou mantém esse sentimento emancipatório. A massa moderna ou pós-moderna (para alguns autores), quer fazer história carregada de expressão e ávida por participação.

Porém, Sloterdijk (2016, p. 24) afirma que:

... como hoje a massa ultrapassou o estágio da capacidade de reunião, o princípio do programa teve de substituir o princípio do líder. Por consequência, é suficiente explicar a diferença entre líder e um programa para evidenciar o que diferencia a massa preta clássico-moderna reunida da massa pós-moderna midiaticizada, estilizada e colorida.

Nesse sentido, culto aos heróis ou ideologias políticas cega e midiaticizada faz parte, então, desse novo cardápio do narcisismo de massa. A massa sente que o objeto subjetivado de adoração não está distante ou nas alturas (verticalizado), mas próximo emancipado e acolhedor (horizontalizado). O Estado-Nação desencantou o mundo, mas trouxe consigo outras formas de culto das massas, que contempla desde as autoridades clássicas até ditadores ou líderes messiânicos. Mas, agora horizontalizados, ao alcance do sujeito das massas ou das massas como sujeitos.

Assim, para além de sujeitos acolhidos pelas massas, a modernidade introduz a refuncionalização da tensão vertical para o reflexo horizontal. Sloterdijk (2016) indica que é sob esse signo que começa a destruição de hierarquias, cuja ambivalência se desenvolve de forma crescente no experimento da modernidade. É a modernidade que foi capaz de desenvolver a massa como sujeito, foi capaz de acumular nessa criação, material explosivo psicopolítico e facilmente inflamável. Por esse fato, a modernidade é uma arena de conflitos, em princípio intermináveis, entre evolucionistas (que prometem esforços) e sedutores (que doutrinam o fim do esforço).

Nesse contexto, o roteiro da modernidade prevê e permite que gente simples também encontre espaço para suas manifestações (indignações, participação e manifestações) de forma horizontal, seja no campo social ou político. Isso porque pode-se abdicar de diferenças tão patéticas entre santos altruístas e a multidão. Cada novo sujeito político que surge é capaz de alcançar importância, ao se sentir com voz e vez, sendo parte da massa. Essa parece ser uma razão de igualdade de todos, rumo a luz do acolhimento.

Então, como ato de desprezo passa não só a questionar o que está estabelecido nos regimes políticos, mas a não mais aceitar as relações vitrificadas, buscando saídas não mais

centradas em hierarquias do Estado, mas em programas de massas e/ou em heróis que se apresentam, dispostos a enfrentar o que está sendo questionado, em nome das massas.

O conflito entre verticalidade e horizontalidade, para o sujeito da massa é central. Transformar a Plebe em Povo, pode ser uma representação simbólica desse conflito. A deslegitimação da nobreza faz parte do projeto político burguês, que se materializou no Estado moderno. Também foi capaz de substituir os santos por atletas de ponta e a maioria de pecadores em expectadores ou até mesmo, participantes. Assim, ser massa significa diferenciar-se sem mesmo, realmente, fazer alguma diferença, muitas vezes. Por meio do sujeito das massas o espírito da especulação está solto, sendo acolhido e tendo a sensação (falsa ou não) de ser participante, sem hierarquias mais horizontalmente.

Em Hardt e Negri (2005), o conceito de democracia da multidão ganha um aspecto menos sombrio e acena com possibilidades de participação mais efetiva do sujeito das massas, na construção de reformas que tragam menos soberania autoritária e mais democracia participativa. Porém, nesse contínuo de discussão, estabelecer novos limites ao sujeito das massas, passou a um desafio amplo do Estado moderno, em um mundo em rede, na qual uma das formas é o poder da comunicação.

5. Orientações e Crises de uma Sociedade Moderna Digitalizada

A modernidade foi capaz de gerar muitas rupturas com um mundo de tradições. Dentre elas o que Weber (2002, 2008) denominou de desencantamento do mundo, Giddens (1991) cunhou de o homem desencaixado e Bauman (2001) de modernidade e política líquidas. Esse mesmo evento, pela perspectiva da comunicação e poder, levou Castells (2017) a denominar de sociedade em rede e caracterizar o poder da comunicação.

Castells (2017) aponta que a comunicação eficiente é uma das bases ou característica fundamental da raça humana. Alerta o autor para uma possível relação sinérgica entre descobertas tecnológicas e evolução social. Cita, particularmente a internet, a rede de computadores em rede, que constituem a tessitura de vidas em uma sociedade em rede.

... nossa sociedade, a sociedade em rede, é construída em torno de redes pessoais e organizacionais movidas por redes digitais e comunicação através da internet e de outras redes de computadores. Essa estrutura social específica historicamente resultou da integração entre o novo paradigma tecnológico, centrado nas tecnologias de informação e comunicação, e algumas grandes mudanças socioculturais. ... o processo

de individuação, o declínio das formas tradicionais de comunidades entendidas em termos de espaço, trabalho, família e atribuição em geral (Castells, 2017, p. 37).

Na perspectiva de Castells (2017), a individuação é a construção da autonomia pelos atores sociais, que passam a se tornar sujeitos do processo. Os novos papéis sociais desenvolvidos pelo sujeito, como o de estar em vários lugares, ao mesmo tempo, sem estar fisicamente é um fenômeno produzido pela tecnologia da internet. Esse indivíduo, alcançou um grau de autonomia nunca visto. Tanto que é preciso pensar nos limites desta autonomia.

Outra questão levantada por Castells (2017) e denominada de “internet e movimentos sociais”, aproxima-se muito da abordagem de Canetti (2009) e Sloterdijk (2017), sobre o conceito de massas. Para Castells (2017), os movimentos sociais (formado pelos sujeitos das massas) estão conectados de vários modos, e o uso das redes de comunicação móveis e da internet são essenciais para seus objetivos, programas ou movimentos, de forma muito mais horizontalizadas do que verticalizadas ou hierarquizadas.

A comunicação sempre foi essencial aos movimentos sociais, seja na forma de panfletos ou manifestos, seja pela televisão ou pelo rádio, e a internet é particularmente adequada à autonomia comunicativa da qual os movimentos sociais dependem: os governos e corporações não conseguem, na maior parte das vezes, controlar com facilidade essas comunicações e, quando o fazem, geralmente já é muito tarde para interromper o movimento (Castells, 2017, p. 48)

Neste ponto, é possível observar que nas movimentações do sujeito nas massas, as tecnologias de comunicação têm facilitado a participação, trazendo autonomia e acolhimento a eles, com um menor grau de controle (ou controle tardio) do Estado e Corporações, rompendo assim as hierarquias do acolhimento e horizontalizando as relações desses sujeitos das massas.

Quando Castells (2017) atrela esses movimentos ao campo da participação política, afirma que isso cria um grande dilema, tanto no campo analítico quanto no campo prático, já que uma grande parte desses movimentos não confia nas instituições políticas existentes ou estabelecidas, o que os leva as vezes a recusa em participar por meio dos canais institucionais ou as vezes a questionarem suas viabilidades ou validade, seja dos canais, seja das instituições.

... ainda, a resposta usual das elites políticas aos movimentos de protestos é se referir à vontade do povo de acordo com aquilo que foi expresso pela eleição anterior e à oportunidade de mudar a política de acordo com o resultado da nova eleição. Isso é

justamente o que é mais contestado pela maior parte dos movimentos, de acordo com uma proporção substancial em todas as partes do mundo.

Assim, Castells (2017) trabalha com uma teoria do poder da comunicação. Um poder que é imposto pelas instituições e um contrapoder que é mais frequentemente exercido pelo avanço dos movimentos sociais (os sujeitos das massas). Sendo assim, o poder é o processo basilar na sociedade, já que este é definido em torno de valores e instituições e, aquilo que é valorizado, é definido pelas relações de poder. O poder é a capacidade relacional que possibilita um ator social influenciar de forma assimétrica as decisões de outros, de forma que favoreça à vontade, os interesses e os valores do ator que os detém. Isso serve para indivíduos e para instituições. Nesse sentido, o poder manifesto desta forma tem caráter hierárquico e vertical, em seus meios tradicionais.

Naím (2019) adverte que tem se tornado comum a aversão da sociedade moderna por partidos e coalizões que já estão no poder, desfrutarem de vantagens diversas e se utilizarem dos recursos públicos para si ou para sua clientela. Essa governança inadequada tem sido escancarada pela maior transparência contida na disseminação das informações, pelas redes de comunicação.

Na visão de Castells (2017), uma rede é um conjunto de nós interconectados, cujos nós mais importantes são denominados de centros. Na dinâmica social, as redes são estruturas que se comunicam, que compõe os padrões de contato criados pelos fluxos de mensagens entre comunicadores no tempo e espaço. Portanto, redes são estruturas complexas criadas com determinados fins. Seguindo essa lógica, a sociedade em rede, dados os recursos tecnológicos disponíveis formam hoje uma sociedade global. Isso não configura e nem garante, ainda, que todas as pessoas estejam conectadas ou incluídas. Porém, a plataforma tecnológica existe e todos os processos, de uma forma ou de outra são afetados.

A sociedade em rede se espalha seletivamente por todo o planeta, funcionando em locais, culturas, organizações e instituições preexistentes que ainda compreendem a maior parte do ambiente material da vida das pessoas. A estrutura é global (Castells, 2017, p. 74).

Para Castells (2017), uma democracia sólida deve ser erigida e fundamentada na capacidade de oposição ao poder hereditário da riqueza e da influência pessoal. Nesse caso, o poder da multidão está calcado em uma política insurgente, que exige uma participação política maior, para manter as democracias vivas. Para reavivar essa afirmação, exemplifica com a eleição de Obama nos Estados Unidos, como sendo o poder do voto para os sem poder.

Nesse processo, o que era improvável historicamente e economicamente, aconteceu por conta da organização das redes e pela participação democrática da manifestação da cidadania.

É nessa arena política, em que habita o descrédito e a aversão, segundo os autores pesquisados, que cabe uma análise sobre os movimentos políticos das últimas três décadas, em algumas partes do mundo. Quando se consolidam os ventos da modernidade e suas consequências passam a ser melhor conhecidas, quando o sujeito das massas está cansado do poder estabelecido e quer espaço de acolhimento e reconhecimento (voz e vez), quando o aparato tecnológico diminui a influência física e amplia a influência virtual, aproximando tempo e espaço, é que alguns fenômenos estranhos assumem ares de novidade, reavivando velhos movimentos já conhecidos, como o populismo, o liberalismo e articulações de extrema direita. Aos mobilizadores desses movimentos foram denominados por Da Empoli (2019) como engenheiros do caos.

5.1. A Dissociação e os Engenheiros do Caos

Da Empoli (2019, p. 103) busca toda a coerência ao trazer à tona a declaração surpreendente de Dominic Cummings: “Se você quer fazer progresso em política. ... meu conselho é contratar físicos, e não experts ou comunicadores.” E assinala que Cummings ao invés de recorrer aos tradicionais consultores políticos, organizou campanhas políticas com o suporte de um conjunto de cientistas, oriundos de renomadas universidades da Califórnia, e Aggregate IQ, empresa de Big Data do Canadá, ligada à Cambridge Analytica.

É, nessa lógica, que o conceito de engenharia do caos irá emergir. Dos primeiros *spins doctors* modernos, os engenheiros do caos são longínquos imitadores. Atualmente, a ascensão das redes sociais e da internet na política modifica, novamente, as normas do jogo e, de forma paradoxal, ao mesmo tempo que baseadas sobre cálculos e algoritmos sofisticados, se arrisca a produzir efeitos exponencialmente irracionais e imprevisíveis. Compreender essa transformação necessita de uma verdadeira mudança de orientação política e das democracias.

A sociedade em rede de Castells (2017), como fruto de uma modernidade do desencaixe e da liquidez, começa uma nova etapa, sobre o domínio ou o exercício do poder sobre as massas. Para Da Empoli (2019), estrategistas, como Cummings, os consultores, os tecnólogos, e as plataformas, já poderiam jactar-se de estar mudando o fluxo da história.

Na afirmação de Da Empoli (2019), pela primeira vez, os padrões de comportamento humano, que permaneciam ensimesmados, passaram a produzir um grande fluxo de dados. As preferências, os hábitos, as opiniões e até mesmo as emoções passaram a ser passíveis de

medição, por meio da internet e das redes sociais. Atualmente, os indivíduos se deslocam de forma espontânea com sua “gaiola de bolso”, um aparelho que pode lhes rastrear e mobilizar a qualquer momento. Num futuro não muito distante, com o advento da “internet das coisas”, cada ação gerará dados e informações não mais ligados exclusivamente aos atos de comunicação e das aferições da opinião pública levantadas em conjunto. Cada tentativa de se aproximar de uma abordagem mais assertiva era muito cara e alcançava, no máximo, resultados aleatórios.

... antes de intervir num sistema é necessário compreendê-lo, coisa que o homem político não sabe fazer. Esse último se apoia sobre pouquíssimos elementos, algumas pesquisas de intenção e seu instinto. A política adquire informações de base e age em função delas. ... hoje, os dados para obter respostas em tempo real a essas questões, e a inúmeras outras, existem. Mas para obtê-las é preciso ser capaz de fazer três coisas: conduzir experiências, recolher dados e analisá-los (Da Empoli, 2019, p. 60).

Assim, conforme Da Empoli (2019, p. 68), uma vez definida a área potencial do “*Leave*”, os engenheiros de dados passam para a ofensiva, com o intuito de criar as mensagens mais persuasivas para cada segmento do público-alvo. A afirmação de Cummings é fatal: “Durante as dez semanas que durou uma campanha oficial, nós produzimos quase um bilhão de mensagens digitais personalizadas, principalmente no Facebook, com uma forte aceleração durante os dias que antecederam a votação.”

Também nesse front o papel dos cientistas foi decisivo. O Facebook lhes permitiu testar simultaneamente dezenas de milhares de mensagens diferentes, selecionando em tempo real aquelas que obtinham um retorno positivo e bem-sucedido e conseguindo, por um processo de otimização contínua, elaborar versões mais eficazes para mobilizar partidários e convencer os céticos. Graças ao trabalho desses físicos aplicado à comunicação, cada categoria de eleitores recebeu uma mensagem sob medida: para os animalistas, uma mensagem sobre as regulamentações europeias que ameaçam os direitos dos animais; para os caçadores, uma mensagem sobre as regulamentações europeias que, ao contrário, protegem os animais; para os libertaristas, uma mensagem sobre o peso da burocracia de Bruxelas; e para os estatistas, uma mensagem sobre os recursos desviados do estado de bem-estar para a União. Graças a todas as versões possíveis dessas mensagens, os físicos de dados puderam identificar as mais eficazes, da formulação do texto ao aspecto gráfico. Puderam também otimizar continuamente, em função dos cliques registrados em tempo real (Da Empoli, 2019, pp. 109-110).

Para Da Empoli (2019), ao analisar o Facebook, tem-se tantos captadores quanto moléculas na mesma proporção, ou seja, usuários. A questão passa a ser a análise e interpretação dos dados, sendo neste ponto a vantagem do engenheiro, que, diferente do

político, está acostumado a trabalhar com uma grande quantidade de dados. A poucos anos, ter habilidade científica em política era uma desvantagem. Existia, com certeza, pesquisas, mas essas possibilitavam, na melhor das conjecturas, uma análise

Em essência, as democracias são sistemas que permitem aos membros de uma coletividade exercer de modo autônomo um controle sobre seu destino, não se sentindo à mercê dos acontecimentos ou de forças superiores quaisquer. Garantir a dignidade dos indivíduos autônomos, responsáveis pelas próprias escolhas e as decorrências delas.

Da Empoli (2019, p. 48) aponta o que um sujeito das massas, pode dizer sem pestanejar ou pensar, aquilo que pensa sobre a democracia, quando instigado a fazê-lo, agora tendo voz e vez: “Vocês, os políticos, são todos iguais, e é culpa de vocês mesmos se a democracia virou uma piada e ninguém sabe mais para que ela serve!”. Utilizando as plataformas digitais, agora disponíveis, já sinalizadas por Castells (2017), como os novos mecanismos de comunicação, esses comentários se ampliam: “Todo mundo está farto de tanto imobilismo e o herói x (denominação para designar alguém capaz de se apropriar desses mecanismos na arena política), o porta-voz dos desalentados!” (Da Empoli, 2019, p. 48).

Os engenheiros do caos perceberam que essa inquietação poderia se transmutar em um extraordinário recurso político e empregaram sua feitiçaria, mais ou menos negra, para ampliá-lo e dirigi-lo para seus próprios interesses. Em termos de programa, a resolução que os nacional-populistas trazem à perda de controle não é nova: o fechamento.

Assim, o antissistema é capaz de tornar-se o sistema e, por trás da máscara, estabelecer um regime de ferro. Sloterdijk (2012) afirma que na história, a Igreja foi precursora no processo de abrir os exaustores a fim de que essa enorme raiva acumulada se expandisse e depois, os partidos de esquerda que garantiram o lugar de “bancos de cólera”, armazenando as energias que, ao invés de serem utilizadas num instante, poderiam ser investidas na construção de um projeto mais amplo. Uma questão difícil, pois, de um lado, se tratava de ativar constantemente a fúria e o rancor e, no mesmo momento, controlar tais paixões e sentimentos para que não se desperdiçassem em eventos individuais. Para esse autor, atualmente é muito difícil controlar a cólera dos sujeitos das massas.

Interessante verificar que por detrás dessa ira exposta, há causas reais. Nas arenas políticas, sujeitos da multidão (eleitores), voltam-se para movimentos e líderes cada vez mais extremistas. Para Da Empoli (2019), neste processo sentem-se advertidos pela esperança de uma sociedade multiétnica. No conjunto, acossados pelos processos de inovação e globalização que as elites vêm lhes impingindo goela abaixo, em doses descomunais, ao longo do último quartil do século XX, acabam por inverter uma ordem existente:

Os defeitos e vícios dos líderes populistas se transformam, aos olhos dos eleitores, em qualidades. Sua inexperiência é a prova de que eles não pertencem ao círculo corrompido das elites. E sua incompetência é vista como garantia de autenticidade. As tensões que eles produzem em nível internacional ilustram sua independência, e as fake News que balizam sua propaganda são a marca de sua liberdade de espírito (Da Empoli, 2019, p. 12).

Nesse contexto, é importante destacar que por trás da emergente impaciência dos povos e da rejeição às elites, há uma maneira pela qual as relações entre os indivíduos estão se transmutando. Para Da Empoli (2019) os indivíduos são criaturas sociais, e o seu bem-estar depende, em boa parte, da aceitação dos que estão em seu entorno. O grande poder de encanto das redes sociais é baseado nesse elemento precípua. Cada curtida é um afago maternal no ego. A sociedade das massas, organizada em redes de comunicação, acolhe o sujeito das massas. Acolhido e afagado, torna-se agora um ser participativo, com olhar horizontalizado. Assim, quebra as hierarquias e corrói as instituições, as quais as duras penas foram construídas e moldadas.

Por outro lado, essas mesmas instituições, principalmente as políticas, foram incapazes de perceber esses novos movimentos. Estabilizadas, são muitas vezes úteis a quem delas se locupleta, no sentido de proveito próprio ou da manutenção de um *status quo*. Para Da Empoli (2019), as potentes engrenagens das redes sociais, sustentadas sobre os mecanismos mais primários da psicologia humana, não foi idealizado para confortar, mas, pelo contrário, veio à tona para nos conservar num estado de incerteza e de carência constante.

O problema é que hoje, nas redes sociais, somos todos adolescentes fechados em nossos pequenos quartos, onde aumenta a frustração por causa do crescente abismo entre a mediocridade de nossa vida e todas as vidas possíveis que se oferecem virtualmente em nossos monitores e telas de celular (Da Empoli, 2019, p. 54).

As implicações de plataformas como o Facebook e outras, com capacidade para chegarem a um terço da população do planeta, que as utilizam pelo menos uma vez por mês, ainda necessitam ser plenamente compreendidas. Todavia já ficou claro que um dos efeitos do alastramento de redes sociais foi o de ampliar estruturalmente o nível de cólera preexistente na sociedade. Ao trabalhar esse cenário, Da Empoli (2019, p. 63) traz alguns aspectos que comprovam esses movimentos pelo mundo:

... No Brasil, os comunicadores a serviço do candidato ultranacionalista Jair Bolsonaro driblaram os limites impostos aos conteúdos políticos no Facebook comprando

milhares de números de telefone para bombardear quem utiliza o WhatsApp com mensagens e fake News.

E aponta ainda que frente a circunspeção programática do poder e do tédio arrogante que irradiado dos seus gestos:

... o bufão transgressor à la Trump, ou a explosão contestatória dos Gilets Jaunes – os Coletes Amarelos franceses – funcionam como uma boa chicotada no lombo para liberar as energias. Os tabus, a hipocrisia e as convenções da língua desmoronam em meio às aclamações da multidão em delírio (Da Empoli, 2019, p. 15).

É nesse cenário que a indignação, o preconceito, o medo, o insulto, a polêmica gênero ou racista se propagam nas mídias e proporcionam mais atenção e engajamento, do que os debates aborrecidos da velha política. Carregando discursos como Deus, Pátria e Família, esses regimes compõem, atualmente, as barreiras contra a ditadura do politicamente correto e dos direitos das minorias, que solapam as tradições e colocam mais uma vez em discussão a real importância da família. Eles se contrapõem também à imigração em massa, que ameaça a homogeneidade e a identidade cultural dos povos.

Da Empoli (2019) afirma que tem pouca importância o objetivo, pois há comunicações mais eficazes e comunicações menos eficazes. Os cliques darão o resultado de forma instantânea e, a partir deles, é possível fazer testes sucessivos e ir mudando as comunicações, em seu conteúdo e na sua forma, mantendo os atributos que dão resultado e eliminando os menos eficazes. Obviamente, toda vez que os parâmetros são otimizados, o sistema é modificado.

Nesse novo mundo, a política é centrífuga (liquida ou desencaixada). Não se objetiva mais aglutinar eleitores em torno de um ponto em comum, ao contrário, se trata de incendiar as paixões da maior quantidade possível de segmentos do eleitorado para, em seguida, juntá-los – sem a anuência deles. As inevitáveis incoerências veiculadas nas comunicações enviadas a uns e a outros persistirão, de todo modo, invisíveis a percepção do público geral e das mídias.

6. Discussão

O trabalho desenvolvido por Levitski e Ziblatt (2018), sobre como as democracias morrem, começa com uma pergunta interessante: a democracia americana está em perigo?

Afirmam os autores que essa é uma pergunta que talvez jamais fosse pensada em ser feita, por conta da robustez da democracia americana.

Porém, Levitski e Ziblatt (2018) afirmam que mesmo democracias sólidas, são ameaçadas, de diversas formas. Seja por erros cometidos pelas lideranças democráticas do passado ao abrirem as portas para intenções autoritárias, por estratégias usadas por algumas democracias para manterem movimentos extremistas fora do poder, ou seja, por autocratas eleitos que passam a empregar estratégias diversas, no sentido de subverter as instituições democráticas.

Assim, nesse contexto amplo, é que se pensou especular sobre quais os vínculos desses movimentos, destacados na obra de Da Empoli (2019), “Os Engenheiros do Caos”, com as consequências da Modernidade, tendo como objetivo encontrar um fio condutor com o qual se possa ligar as consequências da modernidade com o movimento da engenharia do caos, os movimentos das massas e a utilização das Fake News como artefato político.

Nesse construto, uma primeira reflexão leva a compreensão de que o surgimento da modernidade como evento nascente no mundo ocidental, teve como consequências o surgimento da Estado Moderno e das democracias, capazes de criar instituições para dar conta dessa nova estrutura, principalmente no campo político. Desse evento, pode-se intencionar duas constelações: instituições que atravessaram o espaço-tempo em diferentes intensidades, mas com inúmeros benefícios a sociedade. Também foi capaz de gerar, formas de condução políticas que criaram fichas simbólicas e sistemas peritos, que acabaram preservando aos olhos das massas e da engenharia do caos, “novos feudos” de poder, alijando o sujeito das massas do acesso a uma vida digna e participativa, como cidadão.

Nesse sentido, observando-se a ideia das massas e do sujeito das massas como categoria de análise, verifica-se uma possibilidade real de insatisfação das massas, quando não acolhidas. Assim, quando voz e vez são ofertadas, seja de forma presencial (física) seja por meio de plataformas digitais (virtual), o sujeito das massas será capaz de manifestar toda a sua insatisfação de inúmeras formas, mas com energias intensas e por vezes descomuns.

Quando as massas, vistas pela perspectiva de Castells (2017) de uma sociedade em rede, muitas vezes anônimas são capazes de serem cooptadas, nelas o sujeito das massas é capaz de ganhar voz e vez. Assim, ao sentir-se poderoso horizontalmente, a intensidade de sua energia poderá ser altamente destrutiva e sem limites.

Essa possibilidade, apreendida por movimentos populistas e extremistas, captada pelos “Engenheiros do Caos”, os quais dispõem na sociedade em rede das plataformas adequadas, traduzem comportamentos e preferências em números nas análises dos *spins doctors*

modernos, produzem ações capazes de serem segmentadas por variáveis analisadas, retumbam então em mensagens mobilizadoras que dão poder a milhões de vozes, advindas do sujeito das massas.

Tudo certo? Não! Não quando essas energias movidas estão a serviço de intenções antidemocráticas, ou em mãos de político populistas e movimento extremistas. Não quando o conjunto de informações são falsas (Fake News). Não quando servem para disseminar o ódio entre os cidadãos e contra instituições democraticamente construídas ao longo de séculos e com esforços descomunais nessa construção.

Assim, é possível verificar que pode se estar diante de novos desafios para o Estado Moderno e para as democracias. Para Levitski e Ziblatt (2018), as democracias, mesmo aquelas mais sólidas, podem morrer ou sucumbir de forma rápida ou de forma lenta e gradual, quase imperceptível. Esses autores, sugerem que o conjunto de instituições democráticas reajam criando mecanismos de combate às Fake News e aos ataques sorrateiros do extremismo às democracias.

7. Considerações Finais

Por fim, o trabalho dos “engenheiros de dados”, que pode não estar ligado aos “engenheiros do caos”, podem utilizar a sociedade em rede definida por Castells (2011), para fortalecer as democracias. A questão da engenharia do caos, é uma orientação política. Portanto, na origem desses movimentos perigosos, estão orientações extremistas que ameaçam as democracias em sua essência. O uso do ódio como discurso ou narrativa para converter ou atrair o sujeito das massas, precisa ser combatido não só pelo Estado e seu aparato institucional (mas principalmente por ele), precisa atrair também o sujeito das massas que tem na democracia moderna uma base segura.

Acredita-se que este ensaio, tenha atingido o seu intento de refletir sobre esse fio condutor que eclode com a modernidade, que incorpora o sujeito das massas (desencantado, desencaixado e líquido) como categoria, compreende a sociedade interligada em rede e o novo momento de possibilidades de participação e reflete sobre o uso indevido das massas, pelos engenheiros de dados no campo político, recebendo orientações ou direcionamentos extremistas, submetendo cientistas e empresas a criação do Da Empoli (2019) denominou de “engenheiros do caos”, para espalhar Fake News e despertar o furor das massas, contra o Estado e as instituições democráticas.

Assim, como se trata de um ensaio reflexivo, primeiro recomenda-se um maior aprofundamento sobre os temas, visando compreender as nuances envolvidas na abordagem e segundo uma maior expansão das análises para uma melhor compreensão de relações e interrelações que podem ser especuladas ou discutidas a partir desta reflexão inicial.

Referências

Bauman, Z. (2000). *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Cambridge Dictionary. (2020). *Fake news*. Recuperado de <https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/fake-news>

Canetti, E. (2009). *Massa e poder*. São Paulo: Companhia de Bolso.

Castells, M. (2017). *O Poder da comunicação*. São Paulo: Paz e Terra.

Da Empoli, G. (2019). *Os engenheiros do caos*. São Paulo: vestígio.

Elias, N. (1993). *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP.

Giddens, A. (2004). A Sociologia. *Revista Atualidade*. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian. n. 4.

Giddens, A. (2008). *Estado-nação e violência*. São Paulo: EDUSP.

Giddens, A., Beck, U., & Lash, S. (1997). *Modernização reflexiva*. São Paulo: UNESP.

Hardt, M., & Negri, A. (2005). *Multidão*. Rio de Janeiro: Record.

Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade* (11a ed.). Rio de Janeiro: DP&A.

Hobbes, T. (2003). *Leviatã*. São Paulo: Martins Fontes.

Levitsky, S., & Ziblatt, D. (2018). *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Zahar.

Maquiavel, N. (1996). *O Príncipe*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Naím, M. (2019). *O fim do poder*. São Paulo: LeYa.

Pádua, E. M. M. (2016). *Metodologia da pesquisa: Abordagem teórico-prática*. São Paulo: Papyrus Editora.

Santos, F. A. (1990). *A emergência da modernidade*. Petrópolis-RJ: Vozes.

Santos, F. A. (1991). *O liberalismo*. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS.

Sloterdijk, P. (2016). *O Desprezo das massas*. São Paulo: Estação Liberdade.

Sloterdijk, P. (2012). *Ira e tempo*. São Paulo: Estação Liberdade.

Weber, M. (2002). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret.

Weber, M. (2008). *A gênese do capitalismo moderno*. São Paulo: Ática.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Vaner José do Prado – 45%

José Gileá – 45%

Maria José Trindade de Azevedo – 10%